



Trabalho 1570

A DOR COMO QUINTO SINAL VITAL: QUALIFICANDO O CUIDADO AO PACIENTE ONCOLÓGICO

Larissa Führ¹

Marciane Kessler²

Joice Vidori³

Sílvia Fátima Ferraboli⁴

Marta Kolhs⁵

Rosana Amora Ascari⁶

INTRODUÇÃO: Nas últimas décadas, vem se observando no Brasil um processo de inversão da característica populacional através da transição demográfica, relacionada à redução natalidade, prolongamento da expectativa de vida e o acentuado envelhecimento populacional. Esta realidade acompanha alterações importantes no perfil epidemiológico com reflexo na morbi/mortalidade pelo aumento da incidência de mortes por Doenças Crônicas Degenerativas¹. Dentre estas, o câncer merece destaque pois representa atualmente a segunda causa de óbitos no país, com tendência de crescimento nos próximos anos. Este se constitui como problema de saúde pública mundial, principalmente ao considerar seu percentual de prevenção². Neste contexto, a dor vem sendo prioridade nas discussões relacionadas à oncologia, especialmente a dor crônica. Esta é caracterizada como uma experiência multidimensional, de intensidade variável, de manifestação subjetiva e influenciada por fatores físicos, psíquicos e culturais, e requer uma avaliação criteriosa e especializada, fundamentada em conhecimentos específicos, para a confiabilidade dos resultados³⁻⁴. Portanto, o adequado preparo dos profissionais para esta avaliação, torna-se indispensável para que se alcance sucesso na administração da dor e a analgesia correta do paciente³. **OBJETIVO:** Implementar a avaliação da dor como quinto sinal vital no setor de oncologia de um hospital de grande porte do Oeste Catarinense. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência quanto a implementação de um projeto de intervenção da prática assistencial em unidade hospitalar, pré-requisito para a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Teve-se como cenário e sujeitos do estudo os pacientes internados na Unidade de Oncologia Adulta de um hospital de grande porte do Oeste de Santa Catarina. Para a mensuração da dor utilizou-se como instrumentos as escalas validadas: unidimensionais como a Escala Numérica da Dor (ENV), e a Escala Visual Analógica (EVA)³⁻⁵. Foi proporcionado capacitação para os profissionais de enfermagem do setor, sendo estes os responsáveis pela verificação, registro e interpretação dos sinais vitais. Utilizaram-se materiais didáticos para facilitar o aprendizado. Houve o acompanhamento dos técnicos de enfermagem no momento da avaliação da dor pelos acadêmicos de enfermagem. A intervenção foi realizada nos meses de março e abril de 2013 e a aplicação das escalas para avaliação da dor ocorreu com todos os pacientes internados neste período. **RESULTADOS:** Durante a aplicação deste projeto de intervenção educativo, observou-se boa aceitação pelos profissionais atuantes na instituição campo de estudo, principalmente pela equipe de enfermagem após a exposição de dados científicos, os quais evidenciam vantagens para o paciente, equipe assistencial e para instituição. Para sua

¹¹ Acadêmicasda graduação em Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina/CEO.

²Acadêmicasda graduação em Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina/CEO.

³Acadêmicasda graduação em Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina/CEO.

⁴Acadêmicasda graduação em Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina/CEO.

⁵ Orientadora, Docente do curso de graduação de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina /CEO.

⁶ Orientadora, Docente do curso de graduação de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina /CEO.



Trabalho 1570

implantação, utilizou-se apenas a ENV sendo que todos pacientes internados no período do estudo tiveram capacidade emocional e mental para realizar a classificação de sua dor. A avaliação da dor realizava-se juntamente com a avaliação dos demais sinais vitais: temperatura corporal, frequência cardíaca, pressão arterial e frequência respiratória. Na sequência, os dados mensurados foram registrados fielmente no prontuário do paciente. Sua classificação era realizada através de atribuição de nota de um a dez, conforme a ENV⁵, sendo a nota zero ausência de dor e nota dez a dor máxima imaginável. Lembrando que o registro da intensidade contemplava não apenas o instante da dor, mas quando havia o alívio da mesma ou a sua exacerbação, para avaliação da eficácia da terapia medicamentosa. A mensuração da dor serviu como base aos profissionais da equipe médica para a prescrição analgésica de acordo com a Escada Analgésica proposta pela OMS e IASP que sugere a terapêutica medicamentosa de acordo com a intensidade da dor do paciente, como apresentado pelo II Consenso Nacional de Dor Oncológica⁵. No decorrer da implantação deste projeto, percebeu-se uma redução significativa da subanalgesia, evidenciada pela redução das queixas de dor entre os pacientes oncológicos. Percebeu-se certa redução do estresse das equipes assistenciais. Acredita-se que o paciente sem dor, apresenta redução nas intercorrências em saúde, tornando-se mais participativos, colaborativos e mais receptivos aos cuidados realizados. Observou-se que com a administração da escala de dor houve redução do uso de medicações analgésicas, que passou a ser prescrita com base na mensuração obtida e consequentemente diminuição de custos para o hospital. Esta intervenção foi uma experiência positiva e permitiu uma aproximação dos profissionais com os pacientes, bem como a mensuração da dor como quinto sinal vital através de escalas validadas. Além disso, contribuiu para o aprimoramento do conhecimento teórico-prático dos acadêmicos sobre a dor, despertando-os para estratégias que possibilitem um olhar holístico às necessidades do paciente oncológico. **CONCLUSÃO:** Constata-se que é fundamental a avaliação/mensuração da dor como quinto sinal vital nos serviços de saúde, sendo este o problema clínico mais comum, identificado principalmente em pacientes crônicos, onde a manifestação deste sintoma é recorrente. A mensuração da dor em pacientes oncológicos juntamente com os demais sinais vitais, faz-se de grande importância para uma abordagem mais eficaz com terapias analgésicas que podem minimizar ou evitar os episódios de dor, permitindo ao paciente o enfrentamento da doença com maior qualidade de vida. A realização deste trabalho foi de grande relevância para a experiência pessoal e profissional dos acadêmicos, pois estimulou a procura de informações e conhecimentos sobre a dor crônica e sua subjetividade, forma de avaliação, fatores que a influenciam e manejo. Contudo, proporcionou experiência marcante pela maior aproximação com estes pacientes. **IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM:** Em face de tal complexidade, é imprescindível ao profissional de enfermagem dominar estes conhecimentos e condutas para avaliação da dor do paciente oncológico, que é fundamental para o planejamento e qualificação do tratamento e do cuidado. Desta forma, a assistência holística ao paciente oncológico, sujeitos a diferentes experiências dolorosas, permeadas de limitações e de implicações emocionais e culturais indissociáveis para a compreensão da dor, especialmente pela enfermagem ser uma profissão caracterizada pelo ato de cuidar humanizado e holístico ao paciente e família.

DESCRITORES: Educação em Enfermagem. Serviço Hospitalar de Oncologia. Medição da Dor.

EIXO II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.



Trabalho 1570

REFERÊNCIAS

- [1] Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço. 3ª ed. Rio de Janeiro: INCA; 2008. p. 628
- [2] Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer. Rio de Janeiro: INCA; 2011. p. 128
- [3] Saça CS, et al. A dor como 5º sinal vital: atuação da equipe de enfermagem no hospital privado com gestão do Sistema Único de Saúde (SUS). J. Health Sci Inst. 2010; 28(1).
- [4] Pedroso RA, Celich KLS. Dor: quinto sinal vital, um desafio para o cuidar em enfermagem. Revista Texto & Contexto Enfermagem. 2006; 15(2).
- [5] Minson FP, et al (Ed.). II Consenso Nacional de dor oncológica. São Paulo: Grupo Editorial Moreira Jr.; 2011.